

ALINA PAIM

uma romancista esquecida nos labirintos do tempo

Ana Maria Leal Cardoso*
Universidade Federal de Sergipe / CNPq

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de resgate, em andamento, sobre a escritora sergipana Alina Paim, iniciada há dois anos, que apresenta um panorama da vida e obra dessa escritora que, embora tenha produzido cerca de dez romances, encontra-se à margem dos estudos literários, sendo desconhecida quase que totalmente tanto pelo público acadêmico quanto pelo público em geral. Seus romances abordam temáticas diversas, e priorizam as personagens femininas à procura de uma utopia do respeito e da participação harmoniosa da mulher na produção cultural, em meio a uma sociedade falocêntrica.

PALAVRAS-CHAVE

Alina Paim, romancista, vida

INTRODUÇÃO

Este trabalho ainda *se fazendo* é parte de uma pesquisa de resgate da obra da escritora sergipana Alina Paim, cuja história de vida confunde-se com aquela das suas personagens, quase sempre enredadas num espaço familiar conflituoso ou no interior de algum convento, uma “marca” disciplinar característica da Idade Média resgatada pela romancista para ilustrar o quadro educacional do Brasil da primeira metade do século XX.

Conforme consta no livro 019, folhas 144 de sua certidão de batismo, expedida pela Paróquia de Senhora Sant’Ana, município de Simão Dias/SE, Alina é filha do casal Manuel Vieira Leite e Maria Portela de Andrade Leite, e nasceu em 10 de outubro de 1919 no município de Estância, sertão sergipano.

Aos 5 anos de idade perde de mãe, vítima de tuberculose, passando a residir em Simão Dias com os avós paternos sob os cuidados das três tias solteiras, Iaiá, Naná e Laurinha, tendo esta última assumido o papel de mãe carinhosa, sempre atenta à educação da menina. Alina fez seus estudos iniciais na Escola Menino Jesus, passando em seguida para o Grupo Escolar Fausto Cardoso, onde recebeu formação religiosa e participou de diversas atividades relacionadas à religiosidade católica. Não obstante a

* *analealca@yahoo.com.br*.

dor causada pela ausência da mãe, a quem amava profundamente, Alina sofre, aos 9 anos, outro grande choque por ocasião do falecimento de Laurinha, que no leito de morte determinou que a menina fosse levada para um convento em Salvador a fim de completar a sua educação.

Ela segue em companhia do pai, um caixeiro-viajante, para a capital baiana, vindo a estudar no colégio Nossa Senhora da Soledade, dirigido pelas freiras do convento que leva o mesmo nome. Ali vive na condição de interna até completar o curso normal. A experiência da clausura no convento não serviu apenas para amadurecê-la, mas igualmente para despertar a sua veia literária, considerando-se que aos 12 anos a pequena Alina já escrevia para o jornalzinho do grêmio estudantil *Espadachin*, sob o olhar da Madre Superiora, sempre muito rígida nas correções. Ao concluir os estudos secundários recebe como presente de formatura uma viagem a Aracaju, onde permaneceu por cinco dias, tendo sido esta a única vez que pisou na capital sergipana. Ao retornar, leciona em uma escola pública da periferia de Salvador, local em que verdadeiramente sente o peso da miséria das crianças e das dificuldades da educação do Brasil no final da década de 1930.

Por intermédio de um amigo conhece Djalma Batista, um amazonense em início de carreira política, de quem se enamora e assume o compromisso de noivado. Devido a problemas pessoais causados por constantes conflitos com alguns familiares, Alina apresenta um quadro de profundo *stress*, o que levou sua família a interná-la num sanatório para doentes mentais e onde permaneceu por cerca de quase três meses, vindo a conhecer o médico e psiquiatra Isaías Paim, de quem passa a ser paciente, recebendo diariamente sua visita.

Conforme entrevista que nos foi concedida em 13 de fevereiro de 2009, por ocasião do projeto “Alina Paim: resgate de uma escritora sergipana”, a autora confessou ter sido dominada por uma grande paixão, de modo que teve que se desvencilhar do compromisso anterior para casar-se com Paim, em agosto de 1943. Após as núpcias segue para o Rio de Janeiro, cidade que oferecia muitas oportunidades de trabalho tanto para o jovem médico quanto para sua esposa. Como o seu diploma de professora somente era válido dentro dos limites do Estado da Bahia, encontrou-se de súbito sem profissão definida. E, a convite de Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio do Ministério da Educação e Cultura, começou a escrever para o programa infantil *No reino da alegria*, dirigido por Geni Marcondes, tendo colaborado com esse projeto de 1945 a 1956, escrevendo aulas para crianças e adolescentes.

ALINA PAIM E MESTRE GRAÇA: UMA AMIZADE DESAFIADORA

Na segunda etapa da entrevista já mencionada, a romancista revela:

Senti-me bastante perturbada com a necessidade de passar para o papel aquilo que algumas pessoas que “habitavam” a minha cabeça estavam querendo dizer-me. Então perguntei ao Paim (o marido) se aquilo daria mesmo um conto, ou quem sabe um romance. Ele apenas aconselhou-me a dar corpo ao texto, mesmo que não fosse um romance.¹

¹ O trecho integra parte da entrevista com a romancista, com publicação prevista para abril de 2011.

Alina passou a escrever à noite enquanto o marido dormia, pois não queria que lesse absolutamente nada. Cinco meses depois de tê-lo concluído, tratou de ir à confeitaria Colombo, em Copacabana, pois sabia ser aquele lugar muito frequentado por grandes figuras da literatura brasileira.

Assim, em uma dessas oportunidades, deparou-se com Graciliano Ramos, a quem confiou o manuscrito de *Estrada da liberdade*; porém, sua única exigência era que dissesse se o que produziu era mesmo um romance. Acertaram um reencontro para 15 dias mais tarde. Qual foi sua surpresa ao ouvi-lo dizer: “Alina é um romance, sim, e dos bons, porém falta-lhe aprimorar a técnica.” Segundo a romancista, naquele momento nasceu uma grande amizade entre ambos, capaz despertar ciúmes não apenas no mundo literário, mas em alguns familiares e amigos. Iniciaram-se as aulas de técnicas literárias na casa de Graciliano, de modo que ele tornou-se responsável pela correção e leitura dos seus dois romances seguintes. Respalhada pela opinião de Graciliano, Alina tratou de arranjar um editor ligado ao Partido Comunista, estreando na carreira literária em 1944. Sua amizade, com aquele a quem chamou carinhosamente de “Mestre Graça”, rompeu-se nove anos mais tarde, por ocasião de sua morte. No prefácio de *Simão Dias* Graciliano escreveu o seguinte:

A estréia, recebida com louvores, jogou a moça na literatura. Alina fez vários livros. Este, (...) deixa longe a *Estrada da Liberdade*, manifesta um valor que o trabalho da juventude apenas indicava. A autora observa, estuda com paciência, tem a honestidade rigorosa de não tratar de um assunto sem dominá-lo inteiramente. As suas personagens são criaturas que a fizeram padecer na infância ou lhe deram alguns momentos de alegria, em cidadezinhas do interior. Nenhum excesso de imaginação.²

A partir da publicação de *Estrada da liberdade* Alina participou ativamente da vida literária brasileira, publicando outros romances, a saber: *Simão Dias* (1949); *A Sombra do Patriarca* (1950); *A hora próxima* (1955); *Sol do meio-dia* (1961); a trilogia de Catarina composta pelos romances: *O sino e a rosa* (1965); *A chave do mundo* (1965) e *O Círculo* (1965); *A sétima vez* (1975); *A correnteza* (1979); além disso, publicou as seguintes obras infantis: *O lenço encantado* (1962); *A casa da coruja verde* (1962); *Luzbela vestida de cigana* (1963); *Flocos de algodão* (1966); e *O chapéu do professor* (1966). Alguns de seus romances foram editados na Rússia (*A hora próxima*, em 1957), China (*A hora próxima*, em 1959), Bulgária (*Sol do meio-dia*, em 1963); e na Alemanha (*Sol do meio-dia*, em 1968).

Sua obra literária, extremamente complexa, pode ser dividida em dois seguimentos: o primeiro apresenta grande teor social, característico de seu engajamento político junto ao PC do B; o segundo voltado para a introspecção. O fato é que seus romances priorizam as personagens femininas, mostram a problemática da mulher em diferentes situações, e, portanto, as consequências desta no contexto social e psicológico. Sua escritura se identifica pela consciência de uma tradição de predecessoras, no estabelecimento de um discurso próprio, transgressor, do ponto de vista da sociedade ocidental androcêntrica. Instaura um universo próprio à investigação, tamanho é o ímpeto das forças sociais e culturais que se entrelaçam e integram a sociedade contemporânea, ali representada, o que coincide com os parâmetros da crítica feminista.

² PAIM. *Simão Dias*, p. 5.

Dentre os vários temas presentes na obra de Paim está a violência. As personagens femininas ora são agentes ora são objetos desta, reafirmando a presença de uma ideologia feminista por parte daquela que escreve. A propósito desse assunto perguntamos a autora se ela se considera feminista, e obtivemos como resposta o seguinte: “se sou feminista não sei, mas sei que sou verdadeira. A verdade é meu grande compromisso. Estou sempre do lado da verdade, e se isso é ser feminista, então eu sou.”³ Há nas entrelinhas do texto paimiano uma preocupação feminista que se traduz tanto pela denúncia à submissão e passividade da mulher quanto pela criação de mulheres rebeldes, independentes, capazes de romper com as normas patriarcais, enredadas em discursos que mostram suas lutas por espaços mais democráticos e inclusivos. Há nas entrelinhas do texto paimiano uma preocupação feminista que se traduz tanto pela denúncia à submissão e passividade da mulher quanto pela criação de mulheres rebeldes, independentes, capazes de romper com as normas patriarcais, enredadas em discursos que mostram suas lutas por espaços mais democráticos e inclusivos. As obras desta romancista fogem à tradição literária feminina, em que autoras, dentre elas destacamos Raquel de Queiroz, escrevem como homens, ou adotam o ponto de vista masculino. Alina fala do “lugar” da mulher, conquistado a partir da sua luta. Essa ideia parece afirmar-se através do próprio título do seu romance inaugural *Estrada da liberdade*, que sugere uma mudança no que diz respeito à condição de prisioneira a que a mulher foi relegada.

Ao centrar seu relato ficcional num bairro operário da Grande Salvador, Paim parece atender à proposta comunista de desvelar/revelar as “mazelas” sociais, buscando a igualdade de direitos para todos. Além da vida encarcerada dos conventos, a romancista mostra também que nos grandes centros brota, paralelamente à sociedade “tradicional”, uma “outra” classe média, mais moderna, composta de intelectuais liberais, funcionários da área produtiva, respectivamente representados por jornalista de ideias “subversivas”; pelo acadêmico de medicina Paulo; além dos diretores das escolas e de alguns funcionários de empresas que representam a sociedade de consumo. Esses detalhes a que se entrega Alina Paim no seu fazer literário demonstra haver identidade de interesses entre a mulher-artista e a visão alegoria de mundo, uma vez que ao tentar investigar o que parece “invisível” (pois se encontra escondido por traz dos muros da tradição) explodem o *continuum* da história.

O romance *Simão Dias*, segundo a própria autora, pode ser tomado como autobiográfico. Trata da história da personagem Maria do Carmo, órfã de mãe aos 6 anos e entregue aos cuidados das três tias solteiras, logo após a sua morte. Estas, por sua vez, não tendo recebido quase nenhuma instrução educacional, entendida pelo pai como “desnecessário” para as mulheres, entregavam-se tanto ao trabalho na máquina de costura e à confecção das rendas, quanto aos mexericos nas calçadas das vizinhas, suas únicas diversões. Iaiá e Naná, as mais velhas, não dispensavam nenhum carinho para com a pequena recém-chegada, colocando-a muitas vezes de castigo, submetendo-a a uma educação rígida, o que demonstra que os “laços de família”, elementos estruturantes das narrativas de Paim, são atados a partir do poder centralizador do pai.

³ O trecho citado compõe a primeira parte da entrevista com a escritora sergipana.

Vale ressaltar que por orientação do próprio Graciliano Ramos, a autora preserva o tom autobiográfico do texto, sem substituição dos nomes das personagens, aproximando o leitor do cotidiano da cidade e de seus habitantes. Ao ser publicado, o romance causou certo espanto para alguns membros de sua família, pois estes teriam a vida exposta nas páginas de um livro que a sergipana escreveu com amor, captando o ambiente, a atmosfera de sua formação intelectual e humana.

A sombra do patriarca merece destaque pela sua proposta de *Bildungsroman*. O espaço rural nordestino, o latifúndio de um poderoso “patriarca”, é o elemento estruturante da transformação por que passa a personagem narradora. Na realidade, Raquel quando chega à propriedade de tio Ramiro é uma jovem inocente, cujo aprendizado é proveniente do contato com as injustiças, a miséria e o sofrimento dos empregados da fazenda Fortaleza. Nele, as ideias socialistas são trabalhadas de forma a evidenciar as desigualdades entre a pujança dos senhores e a penosa situação dos quase escravos, sem nunca adotar um estilo panfletário.

A hora próxima, romance de cunho político, parece ser uma das poucas obras da literatura brasileira que apresenta como personagem toda uma coletividade – os ferroviários da Rede Mineira, espalhados por várias cidades. Se Aluísio Azevedo, em *O cortiço*, conseguiu esta façanha, Alina Paim a repete com um envolvimento ideológico maior, pois construiu um universo muito mais amplo, diversificado, mas extremamente coeso com a luta das mulheres e dos operários. Essa obra coroa a posição política da autora, já iniciada na década de 1940, fazendo parte da coleção “Romances do Povo”, dirigida por Jorge Amado, considerada como produto da política cultural do partido seguindo a linha do realismo socialista. Produto da fase cultural do partido, a coleção trabalha pela divulgação da doutrina e da educação política do PCB. Tendo sido um dos maiores empreendimentos da editora do partido, tinha o objetivo de disseminar a estética realista social e autores estrangeiros a preços baixos. Nessa época, a autora faz uma viagem ao Vale do Paraíba custeada pelo partido para entrevistar grevistas do movimento ferroviário, em 1949.

No ano seguinte, Alina é escolhida para representar o Partido em Moscou, por ocasião dos festejos de Primeiro de Maio, dia do trabalhador; porém teria que pagar suas despesas. Como não dispunha de dinheiro para tal, foi aconselhada por sua vizinha, uma senhora bem relacionada politicamente, a pedir ajuda a Cândido Portinari, pois naquela época ajudava artistas em início de carreira. Dirigiu-se à casa do pintor cheia de esperanças, e tamanha foi a sua sorte que recebeu dele um envelope contendo, segundo depoimento da própria escritora, 15 mil réis, o que significava a metade da despesa que teria fora do país. Além disso, a mulher de Portinari, ciente da pouca condição financeira da escritora, presenteou-a com perfumes, sapatos e um vasto guarda-roupa de inverno, afinal ela enfrentaria baixas temperaturas durante o período da viagem.

A trilogia de Catarina, escrita durante seis longos anos, é composta pelas obras *O sino e a rosa*, uma metáfora do poder disciplinador *versus* a fragilidade do disciplinado, trata da infância da pequena e rebelde Catarina, que fora deixada na “roda dos enjeitados” de um orfanato administrado por religiosas, e sua luta por encontrar uma família que a adote; *A chave do mundo*, centrado na adolescência da menina, portanto, em um período de grandes transformações na sua vida, já anuncia seu desejo de vir a ser escritora. *O círculo* expressa o tempo da maturidade, e do desejo profissional realizado.

Neste último romance, que transcorre durante algumas horas de uma noite fria de inverno, a protagonista “vigia” a temperatura da pequena filha, Augusta, ardente em febre, o que a deixa bastante preocupada. Ao raiar do dia tudo se transforma: afinal, descobre que se tratava apenas de um simples sarampo. Porém, aquela fatídica noite foi o suficiente para que a personagem, portando-se no último degrau da escada, e olhando em várias direções, entrasse num processo de profunda reflexão acerca da sua própria vida, um verdadeiro balanço crítico da sua existência, de modo que Catarina se vê jogada no interior de um redemoinho de pensamentos, que sacodem-na sobremaneira, levando-a pelos vãos da “noite escura” da alma, propiciando o enfrentamento da sua própria sombra. Ao final da ‘travessia’ consegue livrar-se de alguns valores do passado que lhe causaram angústia, ansiedades e opressão, oportunizando-lhe um renascimento.

Quanto ao romance *A sétima vez*, o único de fácil acesso no universo de sua vasta obra literária, foi republicado em 1994 graças à iniciativa da falecida escritora sergipana Núbia Marques, na época Diretora Presidente da Fundação Estadual de Cultura - Fundesc. Alina constrói o relato ficcional a partir de um tema muito atual: a questão do aposentado. A personagem central enfrenta o “drama” da aposentadoria irrisória, levando-nos a refletir sobre a realidade brasileira em que o idoso, muitas vezes, tem que “banciar” a própria casa, vivendo na miséria e sem dinheiro até para cuidar da sua saúde.

Seu último romance, *A correnteza*, mostra a luta da mulher por um espaço mais democrático e inclusivo, presente já no seu primeiro romance. Metaforiza, portanto, a vida de uma proletária que alimenta o sonho da “casa própria”. Nessa obra assistimos, através da “loucura” da protagonista, o ser mulher “construído” (estereotipado) desmoronar-se; dos escombros resta apenas ela, Isabel, mulher, que inicia seu processo de busca renovada do eu verdadeiro, limpo, puro, livre da “jaula/casa”, uma representação dos grilhões patriarcais de que é vítima. Paim retoma, portanto, a temática da “loucura”, já presente em *O círculo*, através da Odaísa, uma personagem também de meia-idade, que por ordens da família é levada para um sanatório a fim de adquirir disciplina. Assim, no intuito de concretizar tal sonho da casa própria Isabel foge aos padrões da mulher associada à renúncia, revestindo-se de egoísmo e indiferença, saindo da instância de vítima para agente da violência, assumindo uma outra identidade.

Como leitora de Alina Paim quero destacar que a partir da trilogia de Catarina, seguindo-se a ela *A sétima vez* e *A correnteza*, sou tentada a crer que a romancista parece romper com o “compromisso” de escrever segundo os interesses do Partido comunista. Nesses romances, embora o teor social esteja presente, a ruptura literária caracteriza-se tanto pela leveza da linguagem quanto pela intenção em explorar os territórios abissais do ser humano, próprios da introspecção, capaz de nos levar a repensar a vida e o ser humano. Vale lembrar ainda que a romancista, na época em que lança a trilogia, encontra-se com 45 anos de idade, portanto, na maturidade e vivenciando o início da metanoia, fase que, segundo Jung, propõe uma reavaliação da vida.

CONCLUSÃO

Conforme foi mostrado, a vida de Alina Paim foi sempre de muitas lutas, não só do ponto de vista pessoal, mas também profissional. E não obstante ter produzido uma vasta obra, abordando diferentes temáticas, ela não foi reconhecida do ponto de vista da crítica literária. O motivo não se sabe ao certo; talvez pelo fato de ela ser comunista e suas obras estarem repletas de denso teor socialista (naquela época, um compromisso com o PCB) que reivindicava direitos iguais para todos, o que não agradava nem ao governo e nem aos empresários do mundo editorial e artístico.

Essas rápidas referências sobre sua obra servem para mostrar quão variado é o universo ficcional de Alina Paim, que está a exigir uma pesquisa minuciosa não só sobre os diferentes motivos temáticos, mas também sobre seu estilo, uma linguagem em que as imagens têm um enorme poder sugestivo. Nessa perspectiva, os romances abrem um leque para leituras diversas, buscando interpretar o imaginário não apenas sociocultural, mas também mítico-simbólico, ressaltando as imagens arcaicas que perpassam na psique humana desde o seu aparecimento na face da terra.

Alina Paim, ao criar um mundo ficcional de representações da realidade permite repensar circunstâncias de vida, revitalizando-as sob novos enfoques. A irreverência dos seus personagens mostra não só o compromisso com a história, mas, fundamentalmente, com a ideologia do partido comunista a que foi filiada e militante por cerca de quase 30 anos. A romancista, do ponto de vista feminista, dá voz às personagens que são capazes de subverter os padrões sociais e estruturais e instalar o caos na ordem patriarcal.

Considerando-se a abrangência temática da obra da romancista em tela, que aborda desde as questões políticas no Brasil (*A hora próxima*), a educação (*Estrada da liberdade*, *Simão Dias*), a situação do idoso na atualidade (*A sétima vez*), dentre outras, a luta das mulheres por melhores condições de vida parece ser o foco principal. Assim, entendemos que a vida e a obra desta escritora, incansável lutadora pelos direitos não só das mulheres, mas do ser humano na sua completude, parecem caminhar juntas. Nosso grande compromisso é resgatar e divulgar sua produção literária que está a exigir pesquisas capazes de lhe dar visibilidade, colocando-a no patamar de algumas escritoras brasileiras já consagradas no meio acadêmico, tais como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, Raquel de Queiroz, entre outras.

Concluindo, gostaríamos de ressaltar que as protagonistas dos romances de Paim estão à procura de uma utopia do respeito e da participação harmoniosa da mulher na produção cultural. Diferentemente das personagens de Clarice Lispector, que nas palavras de Fábio Lucas “sofrem mais do que atuam”,⁴ as personagens de Paim vivenciam ambas as situações. Sua obra revela uma vocação para as letras afirmada através de uma sensibilidade artística das mais delicadas, capaz de traçar caminhos que levam o leitor (a) a diferentes “mundos”: do Nordeste rural da primeira metade do século passado, onde o poder do senhor de engenho se sobrepõe; da luta do proletariado por dias melhores, do idoso, da educação, da subserviência e exploração das mulheres, entre outras.



⁴LUCAS. *O caráter social da literatura brasileira*, p. 112.

ABSTRACT

This paper is part of a search in progress that tries to rescue the literary works by the Brazilian writer Alina Paim. It aims to show that most of her works are close to her own life and, beside that, she had produced a lot of novels that embrace different themes that are still unknown. Like in her real life, Paim gives voice to her female characters in quest for a better life in the patriarchy society.

KEYWORDS

Alina Paim, novelist, life

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Ana Maria Leal. Marcas do feminismo em Alina Paim. In: CARDOSO Ana Maria Leal; SANTOS, Carlos Magno Gomes (Org.). *Do imaginário às representações na literatura*. Aracaju: Editora UFS, 2007. p. 135-143.
- CARDOSO, Ana Maria Leal. Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). *Gênero em questão*. Campina Grande: EDUEP, 2007. p. 287-295. v. 1.
- CARDOSO, Ana Maria Leal. A obra de Alina Paim. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 8, p. 35-45, 2009.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 232 p.
- PAIM, Alina. *Simão Dias*. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante, 1949.